

## HOMENS ARANDO EM NOVOS CAMPOS: BORDANDO UM OUTRO SERTÃO

José Clerton de Oliveira Martins

Doutor em Psicologia e Professor Titular da Universidade de Fortaleza – UNIFOR

Professor Visitante da Universidad de Deusto, Espanha

Iranilson Buriti de Oliveira

Doutor em História

Professor Adjunto da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

Liliana Leite Chagas

Psicóloga

Mestranda em Psicologia pela Universidade de Fortaleza - UNIFOR

### Resumo

Este estudo discorre sobre a mudança realizada pelo homem sertanejo de atividade laboral rural, especificamente da agricultura, para uma nova ocupação no trabalho, o bordado, ocupação esta definida socialmente, até a atualidade, como um lugar dominado pelo gênero feminino. Trata-se de um estudo que envolve reflexões acerca das relações de gênero, trabalho e identidades. O cenário dessa transição é o sertão do nordeste, de peculiaridades históricas predominantemente patriarcais e de pouca mobilidade social para aqueles que ali se encontram. Para efeito do estudo baseou-se numa abordagem metodológica qualitativa, sendo priorizada a etnografia e a fenomenologia. Os resultados nos mostram a adaptabilidade motivada pela sobrevivência, além de uma tolerância e pouca resistência aos modelos que se apresentam como fonte alternativa de trabalho no sertão.

## Palavras-chave

Sertão, gênero, cultura, trabalho e identidade.

## Abstract

This text discourses about the change carried by the man of the countryside, specially of agriculture, for a new occupation, the embroidering. This occupation is socially defined, even in the present time, as a place dominated for female gender. The study deals with the phenomenon that involves a reflection about gender relations, work and identity. The scene of this transition takes place in the backwoods, located in the northeastern region of Brazil, a place with predominantly patriarchal historical antecedents and little social mobility for those that live there. The study it was based on a qualitative methodological boarding, being prioritized the ethnography and the phenomenology. The results reveal the adaptability motivated for the survival, beyond the tolerance and little resistance to the models that present as alternative source of work in the backwoods.

## Key words

Backwoods, gender, culture, work and identity.

## 1. Introdução

Jaibaras<sup>1</sup> nos apresenta alguns sujeitos que decidiram mudar a sua história de vida, o seu lugar de sujeito social. Um lugar de movimento e transformação, mobilidades e permanências. Cenário desta pesquisa, mapa desta aventura histórico-antropológica no qual tais sujeitos transgrediram regras sociais delimitadas

---

<sup>1</sup> Jaibaras é um distrito do município de Sobral, situado na região nordeste a 235 Km de Fortaleza (CE).

historicamente e promoveram, com isso, outras concepções do que o homem é capaz de fazer através do seu trabalho. Neste estudo pretende-se estabelecer um diálogo entre a fala dos sertanejos, o campo observado e a pesquisa teórica empreendida, aproximando o que se viu no campo etnográfico dos discursos já elaborados sobre o sertão do nordeste, para compreensão da prática sócio-cultural.

O discurso tradicional da seca traçado por uma homogeneização e estereotipia da fome, de abandono, de ineficiência, que gera um espaço sofredor, torna-se fragilizado diante da atitude cotidiana de sujeitos ordinários, com pouca escolaridade e muita percepção sobre o que é sobreviver, traduzida pela sabedoria popular do povo local, marcadamente presente em homens que romperam as barreiras do preconceito e lutam por uma construção permanente da vida no sertão, com seus entraves e virtudes contemporâneos.

## **2. Um lugar que chamam de sertão**

O sertão permanece registrado, nos outros meios, mas principalmente através da arte em todas as suas expressões, como sendo um lugar singular, cuja cultura, da mesma forma que em outros lugares, está significada de maneira única, já que é através da cultura que o homem desdobra sua capacidade de estruturar sentidos à sua existência. Nessa concepção, os aspectos naturais e sociais estão interligados e não dissociados, ou seja, é a partir da relação entre esses dois campos, o biológico e o social, que o homem se constrói e é construído.

Nesse sentido, tenta-se delinear essa singularidade do sertão, através de um recorte de estudo que ressalta o meio social e o sujeito, pois ali se encontra a realização do trabalho rural entre outras funções, e a mão do sujeito sertanejo agricultor que dará sentido a essa atividade. O sertão e o homem sertanejo, na condição de uma relação de plena transformação e ressignificação. Então, torna-se

fundamental conhecer esse homem do sertão rural, seus valores e o trabalho que até então o define nessa ordem social.

O sertão, geralmente, é definido como uma região geográfica de pouco amparo político e social, onde o desenvolvimento enfrenta duras resistências de ambas as esferas, do poder público e privado, para sua propagação. Vilaça (2003) destaca que a região nordeste possui 1.558.000 quilômetros quadrados e 47,8 milhões de habitantes, ocupa a porção oriental do Brasil e da América do sul. Terras cobertas pela caatinga e pelo cerrado, mais secas do que úmidas, uma cartografia singular no cenário brasileiro. No âmbito social, o autor revela que 1/3 da população nordestina vive em situação de pobreza crítica. De acordo com Instituto Brasileiro Geográfico Estatístico essa parcela da população brasileira sobrevive apenas com uma renda irrisória, que não alcança o valor do salário mínimo<sup>2</sup>. Este, segundo a nossa Constituição Federal art. 7º, inciso IV, deve ser: “(...) capaz de atender as suas necessidades vitais básicas e às de sua família com moradia, alimentação, educação, saúde, lazer, vestuário, higiene, transporte, e (...)”.

Todo espaço regional possui significados múltiplos, sentidos ambíguos que são delimitados pela sociedade. Porém, o lugar do sertão é representado por uma idéia de seca, acompanhado de pobreza e sofrimento dos sujeitos que ali vivem. O distanciamento geográfico da “civilização” urbana sustenta o conceito pejorativo que pesa sobre o sertão.

Segundo Roland (2003), a palavra sertão inexistente em outras línguas, sendo sua tradução uma tarefa extremamente difícil. A origem está na língua portuguesa, presente no Brasil desde o século XV, que significa lugares apartados, desertos,

---

<sup>2</sup> De acordo com os dados do IBGE/Pnad – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, entre 1990 e 2001, cerca de oito milhões de pessoas deixaram o semi-árido: a metade delas com destino a outras regiões do país, em partículas ao sudeste e a outra metade, para as maiores cidades do próprio nordeste.

estranhos e incultos. No início da colonização portuguesa, o sertão estava designado como um lugar “desconhecido” e “arriscado”, constantemente associado à questão climática da seca. Conforme Almeida, a construção discursiva sobre o sertão espelha a maneira como ele é pensado e uma maneira específica de “ver” o mundo. O olhar, o ato de contemplar a natureza, não é uma atitude natural. Pelo contrário, é resultante de uma instituição da cultura que inventou esta contemplação e lhe deu uma significação de um valor. Portanto, muitas vezes pensar em sertão é pensar em fome, seca e morte. Atualmente, essa percepção, de modo talvez já superado no âmbito da pesquisa acadêmica, estabeleça outros caminhos considerando o sertão um espaço possível de plena produtividade, de novas artes de fazer. Conforme observa França,

Não há como falar em fim de seca, sem falar em uma profunda mudança na estrutura fundiária, com a realização de uma reforma agrária para democratizar o acesso a terra, sem deixar de considerar as especificidades ecológicas, sem se falar em investimentos em saneamento, saúde, educação e nutrição; sem se falar em cidadania (França, 2003, p.136).

Há no imaginário social uma visão que a população sertaneja, diante desse lugar de vítima designado por um segmento social, exerça uma postura passiva à espera de dias melhores, com chuvas, ou com a alternativa de buscar uma prosperidade e um reconhecimento da cidadania na zona urbana.

Contudo, Albuquerque Junior (2001) contrapõe-se a essa percepção de relação de poder, sustentando a tese de que o nordeste e o nordestinos são produtos discursivos, elaborados pela fala e pelo falo, pelos múltiplos agentes que criam um cenário nordestino apenas de miséria e calamidade pública:

(...) O nordeste e o nordestino miserável não são um produto de um desvio de um olhar de fala, de um sistema de desvio de poder, mas são inerentes a esse sistema de forças e dele constitutivo. Somos agentes de nossa própria discriminação, opressão ou exploração. Elas não são impostam de fora, elas passam por nós (Albuquerque Junior, 2001, p. 27).

De acordo com o autor, o nordeste é um desdobramento de uma produção imagético-discursiva, que significa que nossos territórios existenciais são construídos a partir de uma elaboração mental, permeado de experiências, sobretudo afetivas, que foram cristalizadas na história e na cultura da sociedade.

Há uma rede de poder que sustentou e é sustentada por uma identidade regional – um saber regional, saber estereotipado, que designa este espaço geográfico, do sertão nordestino, como lugar de gueto nas relações sociais em nível nacional, como lugar de periferia, da margem dos setores econômicos e políticos, que acaba por transformar seus habitantes em marginais da cultura nacional.

No entanto, apesar de tantas batalhas discursivas, o sertanejo tem construído alternativas de sustentabilidade, com bastante criatividade, na própria região que habita, não mais buscando soluções distantes às problemáticas locais, mas através das relações sociais próximas. A organização no trabalho, por exemplo, tem constituído outros papéis e significações à sua identidade. Assim, o nosso olhar é sobre esses sujeitos do gênero masculino, que se encontram no sertão nordestino, cuja função primordial no trabalho é o exercício da agricultura, uma atividade permeada inicialmente por uma tradição familiar, sendo assim o “roçado” um cotidiano que perdura da infância até a idade adulta.

### **3. Trabalho e sertão**

O trabalho rural é uma herança que vem das nossas raízes da colonização. Esses resquícios deixaram vestígios que são encontrados atualmente na sociedade brasileira, de desorganização e exploração de algumas regiões, como o nordeste. No

início da colonização, os portugueses com o espírito de aventureiros exploravam as terras do Brasil de maneira descontrolável; não havia uma preocupação com o processo de desenvolvimento do trabalho rural, mas apenas o interesse de aproveitar do que a terra poderia lhes oferecer de imediato.

Holanda (1995) em *Raízes do Brasil* enfatiza as relações de poder existentes na colonização, o privilégio para um pequeno grupo e o descaso com uma maioria. A presença do patriarcalismo, da ausência de leis que regulassem melhor os colonos e a predominância de concessões e favores contribuíram para causar uma “desordem aprovada” no convívio social. Assim, o rural estava desde então sob o poder dos senhores que dominavam a região e proclamavam a lei local. O coronelismo de hoje no nordeste prescreve uma história já contada pela nossa história de colonização e exploração, nas terras tropicais do Brasil, por estrangeiros.

No sertão nordestino, o trabalho predominante é o de cultivar a terra. O trabalho rural faz parte do cotidiano da família sertaneja, sendo o plantio e o cultivo da terra uma das principais atividades exercidas nos locais mais longínquos, até mesmo por uma questão de subsistência. A região é geralmente de solo árido, no entanto o que falta são incentivos econômicos dos órgãos públicos e privados para que possibilite um crescimento e o desenvolvimento e autogestão da população sertaneja.

O homem sertanejo agricultor é definido como cuidador da terra, de mãos calejadas, de pele escura do sol diário, de chapéu de palha, voz forte, marcas expressivas na face, do trabalho na roça, ou seja, homem forte e provedor da família. A honra e a virilidade do homem do sertão perpassam por tais características que são internalizadas e cristalizadas através de um contexto social, histórico e cultural. Entretanto, em meados século XX, identifica-se um fenômeno que merece uma nova reflexão sobre essa estrutura social do ambiente rural, até então cristalizada: surge a

passagem de um trabalho especificamente rural, a agricultura, onde predomina o sujeito masculino, para um outro e novo lugar, que é tradicionalmente representado pela figura feminina.

Nolasco estabelece que o trabalho ocupe uma função fundamental na vida do sujeito, já que é através dele que se pode sentir-se reconhecido socialmente, principalmente sob as condições de um sistema patriarcal. Essa ideologia patriarcal concebe que a relação dos homens com os seus trabalhos estão fundados numa busca de identificações, não com as singularidades inerentes a cada um, mas com o que neles há de comum com o modelo socialmente definido. O tipo de trabalho realizado personaliza e identifica o sujeito.

Devemos registrar que a importância do trabalho sobre a subjetividade de um homem está no fato de que ele o define como indivíduo, determinando sua forma de expressão e mobilidade social. Um homem é o que ele faz, consciente ou inconscientemente (Nolasco, 1993, p. 58).

Então, o sujeito agricultor, definido como masculino, com esse trabalho manual do bordado, passa a ocupar um espaço construído pelo universo feminino. O masculino em questão rompe a fronteira do que é culturalmente construído para si e cria novos espaços de trabalho, novas maneiras de ser, de fazer e de interpretar. Elabora outro lugar de másculo sem deixar de ser masculino. Borda outro homem com as agulhas da modernidade, com os fios da superação da discriminação social. Descostura as antigas regras sociais que classificam o bordado e a costura como atividades feminis, que requerem mãos naturalizadas femininas, de delicadeza e precisão, características essas não atribuídas às mãos masculinas, pela concepção tradicional dos papéis de gênero. No pequeno distrito de Jaibaras, o relato de um sujeito de 40 anos, testemunha essa vivência do trabalho no bordado:



Quando comecei a costurar tinha lá pelos 30, trabalhava na roça, uma terrinha que era do meu pai. Só que não dava mais! Minha mãe bordava (foi ela que me ensinou) e vendia as peças que fazia, então resolvi fazer esse serviço. Foi dureza, no início era segredo, os vizinhos não sabiam que era eu que bordava os panos de mesa. Confesso que tinha vergonha, hoje isso mudou, Já que me acostumei e o meu sustento é o bordado.

Contudo, verifica-se uma tentativa de ruptura dessas fronteiras de gênero no contexto rural do sertão nordestino, através do trabalho de bordar. Descrevendo, nesse sentido, através desses novos contornos, outras possibilidades de significação de um masculino sertanejo, capaz de “bordar” o seu próprio caminho que até então estava inscrito na história com um destino estagnado e previsível.

Dessa maneira, propõe-se delinear discussões sobre trabalho, identidade e relações de gênero para compreender de que modo a desconstrução dessas “estruturas” pré-determinadas permeiam o sujeito sertanejo, no momento em que se possibilita buscar outros caminhos para sua realidade, com uma nova função no trabalho. Então, a proposta está em desvelar esses estereótipos, amarras internas, que conduzem à ação do homem sertanejo. Os homens abrem mão da própria liberdade quando negam seus limites, histórias de vida, desejos e sonhos para tentar reproduzir o padrão de comportamento definido a priori.

Boris (2002) destaca o quanto a questão da honra, da moral, acrescentando a coragem e a bravura são características que impregnam a identidade masculina, especificamente do homem rural, o sertanejo. Na região nordeste, segundo o autor, prevalece o mito do herói sertanejo “Lampião”, cangaceiro que carrega uma identificação do bem e do mal, sendo em muitos momentos históricos definido como diabo e em outros, como anjo protetor da sua região. Ou seja, percebe-se uma imagem, vinculada ao sertanejo, de masculinidade e de poder em suas ações e pensamentos, sustentados pela representação de um mito glorificado como uma

divindade. A investigação de campo nos proporcionou verificar no discurso de um agricultor, as regras morais que lhe foram determinadas:

Meu pai dizia “home” é aquele que pega na enxada, que planta, que “cuidia” da sua roça, desde quatro ano que “trabalho” com terra. É triste quando a terra “ta” seca, nada vinga.

Outro personagem importante para a história do sertão nordestino – o coronel – é referência para a imagem masculina, exercendo domínio econômico, social e político sobre a maioria da população rural sertaneja, já que é o grande senhor de terras. Está fundada a prática do coronelismo na região rural brasileira, responsável pela organização da sociedade rural e que ainda se encontra presente atualmente sob nova roupagem no sertão. Holanda descreve que essa conduta de “absolutismo” da aristocracia rural está vinculada na própria história política da monarquia, no Brasil:

Na monarquia eram ainda os fazendeiros escravocratas e eram filhos de fazendeiros, educados nas profissões liberais, que monopolizava a política, elegendo-se ou fazendo eleger seus candidatos, dominando os parlamentos, os ministérios, em geral todas as posições de mando (Holanda, 1995, p.73).

A identidade sertaneja está assim construída através de discursos e mitos que procuram desenhar e compreender o homem do sertão. Contudo, a identidade é um campo instituído de representações de uma subjetividade inacabada, propícia a transformações. Esses traços históricos, fundidos em histórias orais da memória de um povo, como em qualquer outra cultura, de espaço e tempos distintos, produz significações históricas e sociais a fim de um reconhecimento da sociedade. Segue relato de um entrevistado, que trabalha com o bordado, e em certo momento fala dos mitos da sua região, figuras respeitadas e idolatradas:

Tem o seu “Honóri” que é conhecido aqui na região, ele sente quando chove. Macho de sabedoria, de vez quando a gente chama pra ele pra cá, pra orientar no nosso plantio.

Essa ressignificação do sujeito estabelece que o homem é um ser histórico-social, que possui características marcadas por um tempo, pela sociedade e suas relações, mas acima de tudo é um ser de capacidade inventiva e construtora do seu cotidiano. Assim, a figura simbólica do macho, de plena virilidade, está propensa a transformações, talvez aproximando os laços que se encontravam tão distantes, entre o masculino e o feminino, em um meio tão rígido e demarcado de funções sociais de gênero como é o sertão nordestino.

#### **4. O homem que ara e borda no sertão “moderno”**

De acordo com Badinter (1993), o sujeito está propenso a uma plasticidade humana, de diversidade nas suas ações, símbolos, representações e valores, que são apreendidos. A partir dessa perspectiva, a hereditariedade ou fatores exclusivamente biológicos não limitam o homem ao traçar a singularidade do seu destino, ou seja, não há um modelo padrão universal de masculinidade, uma essência que institua a humanidade. Nessa concepção, a conduta masculina corresponde a um discurso que procura legitimar sua dominação nas relações sociais, de um sistema patriarcal, prevalecendo as diferenças radicais de papéis, bloqueando no homem a expressão de qualquer traço de feminilidade, de pacificidade e submissão.

No contexto do sertanejo está presente a divisão de papéis femininos e masculinos, na ordem familiar, em casa e na ordem social no trabalho ou na rua. A mulher, geralmente, é responsável pelo lar, realizando alguns trabalhos domésticos e quando necessário também se dispõe pra ir à roça. O homem, de braço firme com sua enxada, desdobra-se para plantar sementes. Nesse sentido, cada um procura corresponder às atribuições de uma demanda construída pela sociedade através da

socialização. Embora, haja algumas peculiaridades, com outras possibilidades de comportamento, dessa descrição de cotidiano no sertão, essa descreve uma ação constante dos sujeitos que ali vivem.

Diante dessa complexidade de determinações sociais, nota-se que as relações de gênero encontram-se atravessadas pelas instituições e as várias formas de normatização que acabam por grafar o sujeito. Nessa concepção, a descrição do feminino e do masculino está implicada no processo social, de maneira que as impressões sobre o homem e a mulher são representadas singularmente em cada cultura. Seguindo essa reflexão, denomina o conceito de gênero: *O conceito pretende se referir ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas ou, então, como são trazidas para a prática social e tornada parte do processo histórico* (Louro, 1999, p.22). No ambiente rural, os papéis de gêneros são definidos e também construídos:

Aqui homem e mulher têm seus afazeres, a mulher às vezes ajuda nas sementes e na colheita, também cuida das crianças. Agora, algumas coisas me mudaram: costuro, bordo, nunca imaginei que fosse fazer isso. Minhas mãos tinham muitos calos, quase não conseguia segurar na agulha.

Saffioti ressalta a questão de gênero, como um produto cultural que não se opõe à questão biológica, já que ambos são percebidos em relação, no campo social. O caráter histórico e social deve ser considerado um instrumento propulsor essencial na construção do gênero. Essas relações de gênero são sustentadas, principalmente, pelas relações de poder geradas pelo encontro e desencontro entre o feminino e o masculino, no contexto social: “Como na dialética entre escravo e seu senhor, homem e mulher jogam, cada um com seus poderes, o primeiro para preservar sua supremacia, a segunda para tornar menos incompleta sua cidadania” (Saffioti, 1992, p.184).

Nessas relações de poder, Foucault (1990) destaca que o corpo humano é disciplinado, envolvido na arte das distribuições sociais, que designam funções que ao mesmo tempo podem acentuar o poder ou também o diminuir, com limitações, proibições ou obrigações. Conforme o autor, o corpo dócil fica disponível à manipulação do social, podendo até ser transformado, toma uma outra dimensão cultural, torna-se um instrumento de comunicação e ação às novas propostas regidas seja por um sistema repressor ou libertino.

O estudo de campo nos possibilitou a percepção da trajetória de mudanças, a partir do trabalho, dos sertanejos com seus entraves sociais. Esse fenômeno está permeado, nos discursos, de sofrimento que nos levam a emergência de um novo homem capaz de tecer o seu destino e nos apresentar outras formas de inclusão, pela mão do trabalho – do arado ao bordado.

Neste sentido, essa pesquisa constata uma investigação sobre essas outras posturas do sertanejo em estudo, do gênero masculino que por intermédio do trabalho está produzindo sentidos para as suas relações sociais, definindo alternativas de sustentabilidade (suporte econômico) e identidade (suporte social). O sertão, um lugar onde prevalecia a ordem do cultivo da terra, nos apresenta uma *desordem*, ao mostrar uma mobilidade possível, através do labor. Então, o sertão possui outros caminhos a serem descobertos e não se encontra estático, mas em constante movimento, dinâmica esta em que o sujeito se transforma com a escolha de um tipo de trabalho que o personalize e o identifique em sua singularidade.

## 5. Referências

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes.**

São Paulo: Cortez, 2001.

BADINTER, Elizabeth. **XY: sobre a identidade masculina.** Rio de Janeiro: Nova

Fronteira, 1993.

BORIS, Georges D. Bloc. **Falas de Homens: a construção da subjetividade masculina.**

São Paulo: Annablume, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano.** Artes de fazer. Petrópolis: Vozes,

1995.

FABBRI, Angélica Policeno (org). **Brincando com arte: Portinari.** São Paulo: Nova

América, 2004.

FRANÇA, Luis Celestino de. Seca. In: CARVALHO, Gilmar de. **Bonito pra chover.**

Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras,

1995.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

NOLASCO, Sócrates. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

ROLAND, Ana Maria. A terra de exílio e o sertão redimido: notas sobre a crônica sertaneja em José de Alencar. In: CARVALHO, Gilmar de. **Bonito pra chover**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. **Uma questão de gênero**. São Paulo/ Rio de Janeiro: Fundação Carlos Chagas/ Rosa dos Tempos, 1992, p. 182-215.

SANTOS, M. Inês Detsi de Andrade. **Gênero e comunicação**: o masculino e feminino em programas populares de rádio. São Paulo: Annablume, 2004.

VILAÇA, Marcos Vinícios. **Coronel, coronéis**: apogeu e declínio do coronelismo no nordeste. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.